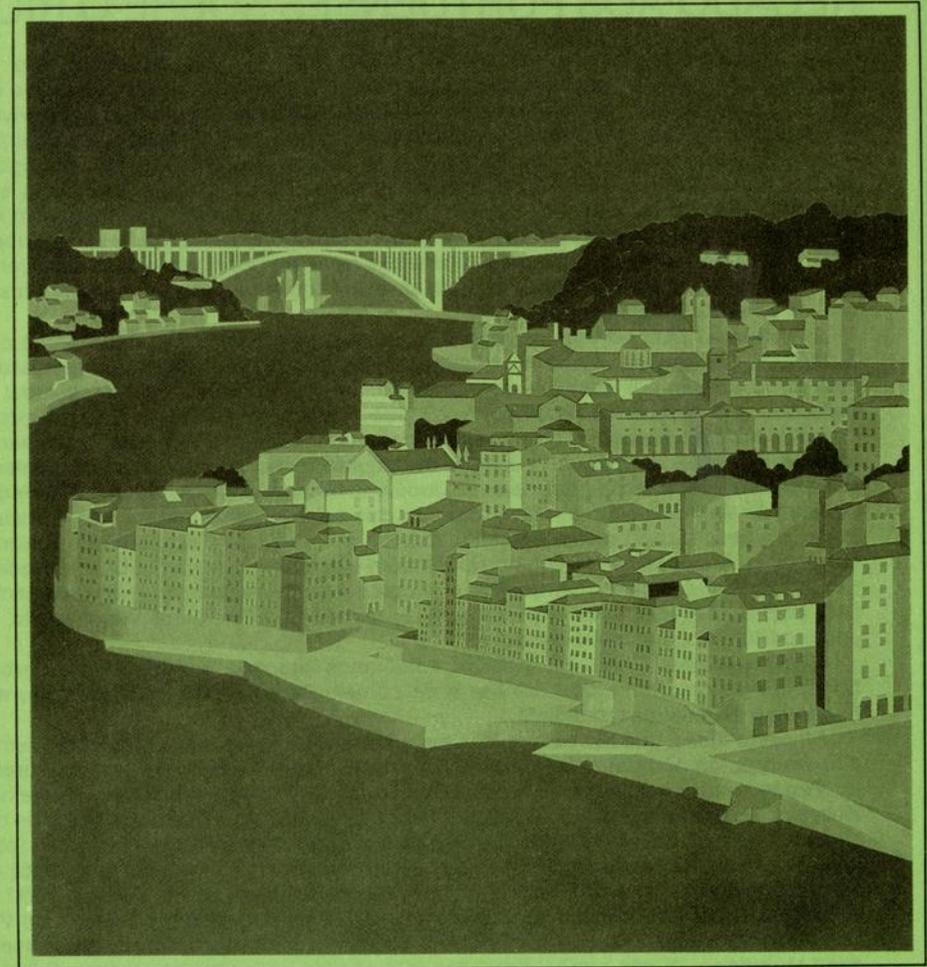


# DOURO, Rio da Vida

5.º dia da Limpeza

6 de Junho/87 - dia do Ambiente

## RIBEIRA



CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO  
Pelouro da Limpeza e Serviços Gerais



uma Cidade Limpa é uma Cidade Viva

n.º 478 / D-EPH/AZ  
48

# DOURO, Rio da Vida

## RECADO AOS PORTUENSES SOBRE O RIO

Ai!, portuenses, o que fizeram ao nosso rio? O que deixámos que lhe acontecesse? Não vos lembrais das coisas boas, tão simples e bonitas, que o rio nos dava? Simpatias, ternuras, amores, encontros, reencontros; dias felizes de convívios. No Areinho, na Quinta da Vinha, na Escócia — floresta mágica, fresca, impenetrável —, em Pé de Moura, em Crestuma, na Foz do Sousa... Os passeios ao Domingo: o senhor Aníbal, da rua do Paraíso, com a mulher, os filhos, a sogra, o enteado e os vizinhos. Meio Porto, a remos — que da ponte para cima o vento rareava, salvo nos Invernos cinzentos, morrinheiros —, lá ia, barquejando. E as excursões dos clubes? No Caneiro de Avintes juntavam-se à cata das iscas de bacalhau — não desfazendo nas demais culinárias ribeirinhas como o sável assado no espeto —, monumentos na arte de aconchegar estômagos.

E as festas? (Ai!, portuenses, o que fizeram ao nosso rio?). Era ver a gente pelo S. Mateus, em Arnelas, mercando nozes; e no Senhor de Além pagando promessas e molhando os pés nas escadas de granito. A Sant'Ana de Oliveira era estendal de barcos — e já ninguém a recorda... No S. João faziam cachoeira de fogo, na ponte, cascata luzidia, nascente de lágrimas coloridas caindo vagarosas, espelhando milhões de reflexos na água (e a água era dourada, não do ouro, mas do contento das pessoas). Na Páscoa queimavam o Judas na Ribeira; e em Miragaia, no S. Pedro, comiam-se farnéis no areal. Na Procissão das Ladainhas, o senhor Bispo mais o Porto em peso atravessavam de caíco, subiam ao morro do Castelo e retornavam a Belomonte. E os gaienses — que o rio também é deles — louvavam a Sr.<sup>a</sup> da Piedade do Cais da Areia, Mãe dos barqueiros e — como a Senhora do Pilar — dos mareantes (Ai!, portuenses, das festas com sabor a rio ficou-nos o S. Gonçalo aquecendo, no Janeiro friorento, a alma da gente!).

E pescávamos. Choupas, taínhas, robalinhos brancos e escamudos, barbos, bogas e enguias. Peixe de cozinhar e de comer. De cebolada, frito. De saborear. Sabendo a sabores despoluídos...

Ai! portuenses, que tão esquecidos andamos deste nosso rio... Onde aprendemos a nadar quando não tínhamos piscinas, nem uma sequer? Foi no Borrás, no Aurélio, no Pegão, praias asseadas de barraquinhas coloridas, azuis e brancas, vermelhas, amarelas. E, para braçadas mais afoitas, íamos ao Cabedelo... E não vos lembrais das descidas do rio? Os nadadores, às dezenas, nadavam do Esteiro ao Marégrafo (para jusante da Ribeira só campeões, os outros não podiam com uma gata pelo rabo) e a multidão esperava-os delirante. E não vos lembrais das corridas, rio acima a partir de Sobreiras, rio abaixo a partir da Casa Branca? O Fluvial, o Sport, o Infante, de Valbom, com as claques em terra, berrando, berrando, milhares de vozes entusiasmasdas? Multidões... E não vos lembrais das caminhadas ao longo das margens? À descoberta dos cais: Alfândega, Estiva, Monchique, Pedras; do Ouro, da Cantareira... E não vos lembrais de ver cair a tarde? O sol a fugir, e o sino de S. João da Foz a tocar as Trindades? E não vos lembrais de assistir à História que o rio tornou realidade? As pontes — sonhos feitos no ferro e no betão —, as alminhas dos mortos da Ponte das Barcas; os rabelos que trouxeram progresso e ajudaram a fazer o burgo setecenen-

tista? E não vos lembrais das armadas (de Ceuta, Arzila, Tânger e Alcácer-Ceguer) construídas pelas mãos dos calafates de Lordelo? Na ilha do Frade punham-se as pessoas a ver o bota-abaiço dos navios, e os estaleiros do Ouro, do Cavaco, da Afurada, da Calçada das Freiras eram inventores do saber de navegar.

Ai!, portuenses, o que fizeram ao nosso rio? Ao nosso companheiro de quando íamos no Um — o querido Um — até ao Molhe, deslizando com o Douro e vendo-o, calmo, a desafiar-nos o apetite de partir até ao longe, longe, dentro do mar. O que deixámos acontecer ao nosso rio? Como foi possível (tão desatentos andamos, na solidão das ruas de cimento) termos esquecido as mareas nos Verões abafados da cidade? (E tão breve, tão serena corre a brisa, suave, mareira, misturada de neblinas, frescas neblinas ocultando a Arrábida, a Afurada, Canidelo...). E das silhuetas das árvores, recortadas nos crepúsculos? (Sobre a água verde, esmeralda, cobalto, azul. E às vezes lilás, da cor dos poentes no farolim de Felgueiras...). E as gaiotas — passarada persistente e livre — esvoaçando e pousando nos telhados? (Bicando as luzes de S. Nicolau, dos Guindais e diluindo-se nos meandros das sombras e da noite...).

Ai!, portuenses, que a cultura (a verdadeira) é feita de gestos como gostar da cidade e defendê-la. E o rio? Amar o rio e torná-lo festa, contentamento, prazer, alegrias, bonitezas. Lugar de pescarias e passeios. De namoros, romantismos (de novos e velhos, que o rio é para descobrir acompanhado — mas quem gostar pode ir sozinho...). Um lugar para nadar e chapinhar, boiar e mergulhar. E poder beber-lhe a água (é dourada, ou verde; será azul?). Fazer do rio — pacífico mansarrão que só se zanga quando há cheia — um fantástico objecto do sentido de viver na cidade e descobrir a Natureza.

Ai!, portuenses, não sei, não entendo o que vos deu, o que deu a todos nós que deixamos morrer o Douro (haverá inocentes neste desrespeito, fruto, talvez, da falta de Escola e do desprezo da Cultura?), que tudo lhe deitamos e tudo lhe fazemos. Maltratamo-lo, agredimo-lo, conspurcámo-lo, entulhamo-lo. De plásticos, detritos, latas, pneus, caixotes, fogões, frigoríficos, sapatos, cascas, cascabelhos, óleos, detergentes, tintos, tintas, vasilhas, embalagens, papéis, papelões, ratazanas, escórias, ferro-velho, porcarias. O rio é montureira, é fossa e é lixeira. É ignorância e pobreza. É incapacidade e esquecimento. É desvergonha e desamor. Da cidade, da Natureza. E de nós próprios...

Ai!, portuenses, como foi possível que isso acontecesse? Que estranha maldição nos impede de ver que destruir o rio, o mar, a floresta, a montanha, o bicho, o pássaro — os que restam — é matar o céu da gente? É destruir a terra em cada minuto que passa... (E, se em vez de nos dedicarmos a construir a morte, apostássemos na vida e, redescobrimo o orgulho de sermos portuenses, salvássemos o rio, o nosso rio?).

Porto, no Maio de 1987.

Helder Pacheco